



REVOADA EM CORES: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE VIVIDA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS

COLORED FLOCK: CREATION PROCESSES AND SYMBOLIC EXPRESSION OF REALITY LIVED IN VISUAL ARTS CLASSES

Cristiane Ferreira

Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil
cris.ferreira.ap@gmail.com

Resumo

Este artigo vem apresentar um percurso de pesquisa, que procurou indagar sobre os sentidos produzidos pela mediação de um artefato estético nas aulas de artes visuais, constituído em uma pesquisa participante em arte. Ela teve a intenção de produzir dados em campo para a produção do artefato intitulado: Lata artística. Nesse cenário reflexivo, como professora/pesquisadora, imprimi na Lata artística as referências do convívio em sala de aula, inventando espaços de aprendizados. As percepções e reflexões desse processo investigativo ocorreram entre os anos de 2016 e 2017, na Escola Estadual Augusto Antunes na cidade de Santana/AP, que resultou em um produto artístico-pedagógico, além do artefato mencionado, um livro composto por algumas obras de arte produzidas pelos alunos-participantes da pesquisa. Deste modo, diálogo com autores como Richter (2014), Rey (2002), Aslan e Iavelberg (2006), Ostrower (1990), Dewey (2010), Geertz (1997) e Wne Flick na busca dos caminhos teórico-metodológicos, baseados na perspectiva qualitativa delimitada pelo uso da pesquisa participante e do entrelaçamento com a pesquisa em arte. Assim, apresento esses momentos em quatro tópicos, para, finalmente, compreender como e sob quais circunstâncias os sentidos pedagógicos impactam o processo criativo de produção de um produto estético, mediando aprendizados e sentidos sensíveis sobre o conteúdo: cores nas aulas de artes visuais. A partir dos resultados, reflete-se acerca da ação pedagógica de professores de artes visuais na perspectiva de uma docência criadora que se inspira na pesquisa em arte, nutrindo a imaginação de alunos e professores pela sensorialidades da vida cultural e educativa vivida nas salas de aula de arte.

Palavras-chave: cor; ensino de arte; lata artística; processo criativo; vivências artísticas.

Abstract

This article presents a course of research, which sought to inquire about the meanings produced by the mediation of an aesthetic artifact in the visual arts classes, constituted in a research participant in art. It was intended to produce field data for the production of the artifact entitled: Artistic Tin. In this reflexive scenario, as a teacher / researcher, I printed in the artistic can the references of living in the classroom, inventing learning spaces. The perceptions and reflections of this investigative process occurred between 2016 and 2017, at the State School Augusto Antunes in the city of Santana / AP, which resulted in an artistic-pedagogical product, in addition to the mentioned artifact, a book composed of some works of art produced by the research participants. In this way, I dialogue with authors like Richter (2014), Rey (2002), Aslan and Iavelberg (2006), Ostrower (1990), Dewey (2010), Geertz theoretical-methodological, based on the qualitative perspective delimited by the use of the participant research and the interlacing with the research in art. Thus, I present these moments in four topics, to finally understand how and under what circumstances the pedagogical senses impact the creative process of producing an aesthetic product, mediating learning and sensitive senses about the content: colors in the visual arts classes. From the results, it is reflected on the pedagogical action of teachers of visual arts in the perspective of a creative

teaching that is inspired by the research in art, nourishing the imagination of students and teachers by the sensorialities of the cultural and educational life lived in the art classrooms .

Key Words: color; art teaching; artistic can; creative process; artistic experiences.

Invenções do caminho pedagógico no ensino de arte

Esta investigação, de cunho qualitativo, caminhou pela ideia de compreensão e colaboração. Isso quer dizer que a inquirição mergulhou na dinâmica dos processos reflexivos do pesquisador e a interpretação dos sentidos apresentados pelos interlocutores. Essa ressalva, um tanto explicativa, situa a pesquisa na dimensão entendida por Uwe Flick (2009) e Sandra Rey (2002), orientada para uma metodologia educativa mais expressiva do ensino das artes visuais no espaço escolar formal.

As orientações de pesquisa de Flick (2009) consideram que o processo de reflexividade, por meio da comunicação e da dinâmica dos envolvidos, podem ampliar alguns elementos referentes ao conhecimento produzido numa situação de produção de dados. Fica evidente a compreensão da pesquisa qualitativa como um processo interativo, no qual se vivenciam diversos papéis e experiências durante as interações práticas e artísticas nas relações sociais entre os participantes. Desse modo, coloco-me nessa imersão sistemática como aprendiz e, sob a forte influência da experiência e do convívio horizontalizado com alunos na educação formal e em campo de pesquisa.

A postura qualitativa orientada pelos autores se apresenta igualmente ao artista/professor que faz da experiência, nesse caso da experiência em sala de aula, o meio de contato que impulsionam a invenção do próprio caminho pedagógico. Caminho que se insinua conscientemente, mas que, também, leva em conta a imaginação e a intuição que se atravessam na vida cotidiana no ambiente escolar. Ou seja, o caminho metodológico que “não se baseia apenas naquilo que pode ser apreendido pelos sentidos, mas que também ser apreendido pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento” (TOURINHO, 2009, p. 150).

Os entendimentos teóricos que levaram a pensar a pesquisa, dispostos pelo viés qualitativo e a comunhão da ação docente em sala de aula como invenção, requereram a contribuição e inspiração da pesquisa em arte como caminho e possibilidade estética de transitar entre prática e teoria no ensino de arte (REY, 2002). Ou seja, através da observação, descrição dos processos didáticos e a reflexão ininterrupta do professor/pesquisador na interação de aprendizados, especialmente a atenção na escuta dos saberes culturais dos envolvidos.

Esse delineamento de pesquisa remete a inquietação que impulsionou a sistematizar e problematizar o alcance dos conteúdos de artes visuais e a mobilização da ação docente. Isso implica considerar que as relações de aprendizados no espaço escolar, considerando a dinâmica e os intercâmbios reflexivos de aprendizados entre o conteúdo de ensino de arte cores, com a



participação de alunos e a produção de artefatos culturais venham fazer parte do currículo escolar na vertente cultural como construção e elaboração de objetos artísticos dentro dos espaços de aprendizagens.

Ao se tratar da cor, como elemento de elaboração e composição em diversos trabalhos artísticos e complexidade do processo criador, esse elemento exerce expressivas sensorialidades sobre as pessoas. Isso me levou a indagar como esse conteúdo de arte se apresenta no ensino formal, sobretudo exigindo uma necessidade de interação pessoal e visual, criando possibilidades para diálogos expressivos na construção de conhecimento.

Portanto, partimos da premissa de que os experimentos propostos em sala de aula, com objetos para estimular a criação, em trabalhos realizados nas aulas de Artes Visuais, promovem aprendizados que se vinculem entre a realidade vivida e a pintura. Esses aprendizados podem despontar significados que extrapolam os limites da sala de aula e faça do ensino das artes visuais, bem como seus conteúdos e, nesse caso as cores, deslocamentos e posicionamentos em momentos diversos e distintos da vida diária dos alunos e dos professores.

Com base nessa problematização, tenho como objetivo geral investigar como e sob quais circunstâncias os sentidos pedagógicos impactam o processo criativo de produção de um produto estético e como aferiam aprendizados e sentidos culturais sobre as questões de cores. Decorre de esse objetivo geral mergulhar em perguntas que não possuam verdades em suas respostas, mas que tragam luzes e cores para nos indicar outros caminhos, para se fazer e entender a ação da docência em artes visuais.

Nas especificidades da observação participante, que consiste na participação real e ativa do pesquisador como membro do grupo, procurei: compreender como se organiza a vontade de saber arte por meio de um produto artístico na educação formal. Tendo em vista que percepções pedagógicas convergem na produção de um artefato estético e os aprendizados vividos em sala de aula. Por fim, penso em identificar referências culturais intercambiadas na produção estética e na ação pedagógica das aulas de artes visuais e os sentidos negociados e mediados pela *Lata artística* impulsionando e estimulando o desejo de aprender cores.

As reflexões provenientes das respostas em campo estimularão a novas inquietudes para pensar o ensino de arte. A crença é que essas reflexões possam potencializar interações educativas, desenvolvendo percepções, posicionamentos e comportamentos para criar novos mundos de relacionamentos e convívio educativo.

Intercâmbios metodológicos na produção da Lata artística

Durante as interações para a elaboração da Lata artística, reproduzi em um rascunho como seria a construção metodológica desse artefato. As investigações e rabiscos levavam a um



viés contemporâneo na mistura de objetos, composições, sem critérios ou normas a seguir, como discute Rey (2002, p.125). “A arte contemporânea levanta a questão da ausência de parâmetros rigidamente estabelecidos. Não existe um corpo teórico, nem regras universalizantes que possam estabelecer uma conduta traçada *a priori* pelo artista”. Isto é, o artista faz sua própria regra, emprega a metodologia necessária na construção de novos processos de criação, neste caso, se essa falta de regras intimida o ensino de arte. Deste modo, essas reflexões levaram-me a elaborar e construir um artefato estético, chamado Lata artística, para contrapor a falta de importância em que o professor trabalha o conteúdo cor em sala de aula.

Na construção, a inspiração de cada Lata veio da experiência e convívio em sala de aula. Passou pelo processo de preparação e transformação, conforme a necessidade de criação e estímulo nos experimentos com os alunos, trazendo diálogos pertinentes ao processo de criação de um objeto capaz de causar impacto visual, reflexões a respeito do conteúdo cor e estimular o fazer artístico.

No entanto, durante o caminhar de produção da primeira Lata, busquei ardor com o arco-íris, a aquarela, os pigmentos, paletas de cores, dentre muitos mecanismos e artifícios para falar de cor na composição de uma lata de tinta. Para isso, havia a necessidade de criar uma Lata que narrasse minha própria história e envolvesse as experiências dos sujeitos, criando o meu próprio processo de confecção. Como afirma Sandra Rey (APUD PAREYSON, 1991, p.59): “a arte requer um processo no qual o artista, ao criar a obra, ‘invente o seu próprio modo de fazê-la’”.

Então, como fazer uma Lata de tinta chamar atenção de alunos? Motivada por esse questionamento, construir duas Latas iniciais, uma de papelão e outra de alumínio. Porém, as duas não motivava os alunos a criação, então, construí outra, como propõem Ostrower (2010, p.26) “no formar, todo construir é um destruir”.

Ou seja, foi necessário ordenar e passar por esta experiência de construção da Lata de papelão e alumínio para desconstruí-la, com intuito de recriar um objeto mais atrativo sem delimitação em sua apreciação. Nos conceitos operatórios, discutidos por Rey (2002), a obra se torna um elemento ativo na produção de significado, muitas vezes extrapolando as intenções do artista. Por isso, houve a necessidade de modificação e reelaboração das ideias iniciais da lata, partindo assim, para uma nova “produção de sentido”, que se configuravam na preparação da terceira Lata.

A lata tinha que trazer os produtos que fizeram parte da confecção das imagens pelos alunos. Era suas produções o resultado final. Mas, com quais materiais foram feitos? Por que não colocá-los em evidência na lata, já que ela estava num processo de apropriação de mecanismos e ferramentas estimuladoras, criativas para um público juvenil. Criar um objeto visualmente atrativo, feito de próprio punho requer conhecimento e paixão pela feitura. Contudo, Rey (2002, p. 128) nos lembra de que “toda obra de arte é uma resposta singular a um estímulo”. E esse estímulo proferido na construção da Lata artística vinha do desejo de ensinar sobre cores através



da experiência artística utilizando a linguagem visual, propondo experimentos práticos e nutrindo discussões vindas da arte e da cultura.

Deste modo, surgiu a Lata três (figura 1). Mais colorida, criativa e ao mesmo tempo rústica, misteriosa.



Figura 1: Lata Artística três, 2017.
Acervo da pesquisa.

Encobri-a de lápis de cores desgastados, bisnagas de tinta acrílica, pincéis antigos, formas geométricas emborrachadas, mostruário de tintas e tinta guache.

Todos esses materiais que já tinham sido usados por mim e pelos alunos foi colada na base lisa da lata, “enfeitando-a”, sem regras na metragem de cada objeto utilizado, assim a composição da superfície tornou-se alegre, colorida e atrativa.

Algumas manifestações observadas ao longo dos trabalhos com a *Lata* foi o modo como os alunos comportavam-se diante dela. Sentimentos de alegria e euforia, o desejo de sentir e segurar o objeto, eram paralisados pelo medo de danificar ou que alguém pudesse chamar-lhes atenção. “*Essa lata é bonita e colorida, mas tenho medo de tocar nela*”, falou sorrindo, Erica dos Santos, 17 anos. Já Aline Albuquerque, 16 anos, impressionada com os objetos que compõem a Lata observou: “*todos esses materiais a gente usa diariamente nas aulas de pintura, é muito legal vê-los assim, na lata*”. De tal modo, percebi que até as imperfeições nas formas, nos lápis de cores, nos rabiscos de tinta, eram perceptíveis aos olhos do observador atento.

Além disso, inventar meu próprio caminho pedagógico, interligando diversos discursos, levou a rumos diversificados na compreensão do ensino de arte e no fazer artístico, através da observação da Lata três, que mediou conversações, análises entre alunos durante toda a ação de construção e aplicação desse artefato em sala de aula.

Convergências do fazer artístico e o saber docente

Como professora-pesquisadora de Artes Visuais, ansiosa por mudanças no modo de refletir o ensino de arte e lecionar conteúdo cor para alunos do ensino médio nas experiências pedagógicas em sala de aula, voltada para o fazer artístico como aprendizado, não foi uma tarefa fácil. No entanto, o desejo era positivo e pulsante em redesenhar novas tendências para as práticas artísticas e o saber docente, em expressar gostos e sensações cromáticas nas produções em sala de aula, compreendendo e interpretando os sentidos através de um objeto artístico.

Esse redesenhar veio em pesquisas como de Nelisa de Oliveira (2016), que se detém em investigar como os professores de arte pensam e atuam diante a formatação do conceito cor nas turmas do 7º ano do ensino fundamental, e a forma como os professores organizam suas ações no processo de ensino e aprendizagem. Nesta abordagem, a autora se concentra nas experiências dos professores ao ensinar cor no ensino fundamental. Sandra Richter (2014) investiga a cor em sua experiência com a arte educação, e observa que na escola pesquisada são limitadas as possibilidades das crianças explorarem e experimentarem a ação de pintar. E ressalta que a pintura “poucas vezes é explorado como conhecimento que permitem outros modos de interação entre crianças, adultos e o mundo” (RICHTER, 2014, p. 57). Sendo assim, chama atenção para a importância desse momento intenso de desvelar por meio do fazer pictórico um pensamento intuitivo e totalmente aberto à novidade. Pois, trabalhos que discutem a cor diretamente sobre o ensino nas práticas artísticas e alçam questões relacionadas acerca das metodologias, empregadas nas aulas de Artes Visuais, são fundamentais para o crescimento pessoal, educacional e artístico desses sujeitos.

Esses estudos das práticas artísticas na educação de adolescentes na experimentação com as cores são essenciais nas áreas do conhecimento humano, mas não somente no ensino, e sim, com a contribuição de suas experiências realizados nos espaços em que tais produções foram estimuladas.

Portanto, acredito que aprender com as experiências diárias são caminhos para se alcançar o conhecimento, a partir delas que surgem aprendizagens significativas para o desenvolvimento de habilidades e competências, assim como a criatividade. A esse respeito, Fayga Ostrower (1990, p. 251) discute que “o criativo na pessoa só pode aflorar e manifestar-se espontaneamente. A criatividade e sua realização correspondem assim a um caminho de desenvolvimento da personalidade”. Tais condições internas sensibilizam o indivíduo, em voga da criatividade, sua capacidade de engajar-se no que se faz, baseado em suas experiências de vida e são mecanismos para o crescimento pessoal e criativo. Neste sentido, penso que não só pela espontaneidade o indivíduo desenvolve a criatividade, e sim, por uma série de estímulos e associações inerentes as suas experiências.

Ostrower (2010), em outro discurso, debate a criatividade como objeto a ser trabalhado orquestradamente. Em suma, a estudiosa defende que, atuando em conjunto com

fatores entrelaçados, faz-se relação à problemática social, econômica, política e também a cultural. Por isso, se isolarmos tais elementos, inegavelmente, criamos barreiras em prol de inibir o livre fluir da criatividade. Conseqüentemente, a problemática da liberdade de criar torna-se evidente, porque, em determinados momentos, este dito manar da criatividade necessita de estímulos para florescer e mediar os modos como os sujeitos se expressam.

Deste modo, é possível inferir que a proposição de ações educativas em aulas de Artes, (pensadas para acionar e estimular a percepção artístico-criativa de alunos do Ensino Médio) possa ser uma oportunidade de prover outros aprendizados. Por isso, da importância de repensar e reposicionar o lugar do fenômeno cor nas experiências de ensino e aprendizagem, porque cotidianamente, são ilimitadas as possibilidades de experiências com a cor.

Além disso, ao repensar como a cor participa ativamente em nossas vidas nos levam a escolhas, uma vez que demonstra a interação entre a experiência e o fazer artístico e que venha de algum modo refletir sobre a opção da cor preferida, ou a estampa floral, quadriculada das roupas, da decoração. São gostos extraídos do cotidiano, do meio pelo qual o ser humano faz a interligação da vida com os espaços que vivencia. Porque “a primeira grande consideração é que a vida se dá em um meio ambiente; não apenas *nele*, mas por causa dele, pela interação com ele” (DEWEY, 2010, p.74).

Para Arslan e Iavelberg (2006), as práticas educativas em arte aproximaram-se das práticas sociais, incluindo a produção de diferentes tempos e culturas, como saberes a ser ensinados. No mais, segundo as autoras, as orientações didáticas a partir de trabalhos práticos de professores com seus alunos em sala de aula, adaptadas de acordo com o contexto educativo, são pontos a serem estudados e aplicados no processo ensino e aprendizagem, pois envolver o aluno no processo, desde a adaptação do espaço em que o projeto vai ser realizado ou na montagem de um ateliê de arte na escola são experiências que promovem reflexões e transformação do olhar desses alunos. “O modo de se fazer arte se transforma, e isso também ocorre com os espaços de produção” (ARSLAN; IAVELBERG, 2006, p.62).

Portanto, a cor aparece como objeto da experiência do olhar, das escolhas num enfoque artístico e cultural. São aprendizados constantes e trazem experiências culturais significativas como relações de costumes, beleza, cor, estética e aprendizado. Falar da cor como parte da cultura é um exercício que nos aproxima dos significados diários, é grande sua relevância em determinada cultura enquanto em outros, nem tanto. Assim como Geertz (2008) compreende a arte como um sistema cultural simbólico, então, podemos compreender o fenômeno cor como entidade complexa, que nos imbuí significados também complexos e só fazem sentidos a partir das nossas vivências.

Encontros reflexivos da pesquisa em arte e a produção da lata artística no espaço educativo

A Lata artística surgiu como um suporte provocativo para estimular os estudantes sobre as possibilidades de criação por meio das cores, instigando sensações, percepções, agregadas a partir das vivências dos alunos. As dimensões desse artefato provou ser artístico, social e cultural, realizadas a partir de observações exploratórias, na exposição da Lata, em oficinas desenvolvidas na escola; em análises das pinturas dos alunos e suas inquietudes ao longo dos processos de exposição da *Lata* como objeto participativo e necessário na composição sugestiva de uma pesquisa em artes.

Deste modo, a Lata passou a conversar com o processo de expressão e criação, sendo importante instrumento de análise como artefato estético na pesquisa e na construção de novas composições voltadas à educação. Contudo, a confecção da Lata tinha apenas um objetivo, chamar a atenção do estudante para a cor, e cada elemento posicionado nela foi pensado como estímulo à produção, à criação e à percepção através da pintura e da colagem, usando variados objetos e ferramentas utilizados na produção pictórica, em cores variadas compôs um instrumento-artístico-pedagógico.

A Lata artística apresenta um conjunto de ferramentas pedagógicas, a qual permite que o professor mediador trabalhe os conceitos de cor, teorize, analise e experimente cada um dos objetos contidos nela nas aulas de Artes Visuais. Acompanha um livro de Orientação didático-metodológico de experiências com a cor, que traz sugestões e dicas para o professor proceder no uso de cada um dos objetos, tendo-os como possibilidades de material pedagógico facilitador no processo de ensino, buscando aguçar a imaginação dos alunos, além de guiar e motivar rumo ao conhecimento voltado ao universo da cor, enquanto mecanismo de aprendizado e levar a discussões sobre o ensino de arte visuais e a docência criadora em ações educativas em sala de aula.

Deste modo, as ferramentas, os experimentos práticos sugeridos para dá suporte a metodologia da Lata Artística revelou nos trabalhos de pintura e colagem dos alunos, que por trás das nossas preferências subjetivas há uma enorme quantidade de informações que trazemos em nossa psique: “influências culturais, regionais, associações conscientes e inconscientes” (BARROS, 2011, p. 80). Assim, a compreensão do fenômeno cor e sua subjetividade podem contribuir para as práticas em sala de aula, na construção de imagens. Afinal, trabalhar com elementos que provocam e estimulam a criatividade e o conhecimento está no cotidiano, nos afazeres diários, na escolha das roupas, na sensibilidade humana, valorizam a imaginação, a intuição e os acasos, conforme esclarece Ostrower (1990, p. 07) “a fonte da criatividade artística, assim como de qualquer experiência criativa, é o próprio viver”.

Igualmente, ocorre o aprendizado e a valorização das experiências. O fazer de alunos de Ensino Médio, em processo de formação revelados através da cor, suas preferências, gostos e demonstra que é possível reavivar momentos pictóricos da infância, muitas vezes, esquecido pela falta de comprometimento pedagógico, profissional e familiar, e ressignificá-lo em aprendizagem, criatividade e ensino.

A experiência artística dos alunos

Relatar as experiências dos alunos durante a realização do projeto é gratificante, pelo fato de participar desses momentos de reflexão, análise e aprendizado com cada um deles e de conhecê-los em seu potencial artístico e pessoal. Compartilhamos experiências artísticas, teorias e momentos de autoconhecimento e amadurecimento intelectual.

A espontaneidade e interesse dos alunos foram fundamentais para o sucesso e para a grande produção artística originada a partir do envolvimento dos alunos com artefatos, materiais e técnicas e, mostrar para a escola que isso é possível, ampliar atividades com os alunos que reverberam habilidades no mundo visual, não importa se não temos salas adequadas, ou laboratórios de artes. O importante, segundo Tourinho (2009, p. 146) é “molecar” com os artefatos que nos rodeiam. Fazer deles e com eles, objetos das nossas licenciosidades discursivas e metodológicas. Assim, garantir o sucesso na produção de obras autênticas e expressivas.

Dessas experiências em oficinas com os alunos, (figura 2) desenvolvi um livro intitulado de *Revoada em Cores: produções nos espaços educativos*, também uma exposição, afinal foram produzidas na dimensão “Experienciação” um acervo de mais de 40 trabalhos entre pinturas e colagens, durante dois anos de aplicação do projeto na escola. O material diversificado em temas, formatos e principalmente cores contribuiu para o aprendizado na manipulação e misturas de tintas, técnicas de pinturas em aquarela, guache, acrílica, óleo e também refletir sobre cada material que foi utilizado nas atividades práticas dos alunos. Arslan e lavelberg (2006) falam da importância da constante reflexão dos materiais e suportes utilizados nos trabalhos de arte, pois são impregnados de história e se relacionam com o fazer, sendo rica fonte de conhecimento de pesquisa em propostas práticas nas aulas de artes visuais.



Figura 2: Alunos nas produções da oficina Compreensão (2017).
Fonte: Acervo da autora.

A exposição do projeto contou com a participação especial dos pais, direção, professores e serviço técnico pedagógico da escola. Os alunos foram homenageados pelos pais e agradeceram pelo incentivo da Escola com projetos que oportunize e estimule os alunos a

produzirem e modelarem seus sonhos por meio das práticas artísticas. A importância de expor os trabalhos ganhou proporções além dos muros da escola, divulgado com seriedade as produções criativas e expressivas de cada aluno.

Portanto, todas as experiências voltadas para o estudo das cores fizeram com que o aluno ampliasse a capacidade do olhar, do ver que se formou, inconscientemente, na construção e assimilação de sua identidade e dos saberes adquiridos, através de sua própria experiência. Segundo Dewey (2010, p. 162): “cada um de nós assimila dentro de si algo dos valores e significados contidos em experiências anteriores. Mas o fazemos em graus diferentes da personalidade”.

Após a conclusão das oficinas, cada aluno escolheu um trabalho de pintura ou colagem e comentou sobre a imagem. A aluna Nívia Luz de Paula, 15 anos, em seu relato sobre a produção escolheu *“O arco-íris, o mundo que não existe”*. Demonstra um desejo de viver em um mundo melhor, mais colorido quando ela comenta: *“a cor no meu trabalho de pintura revela um mundo que deveria ser melhor, com mais cor. Há muita maldade no mundo, então eu tento transformar através de minhas pinturas com muita cor”*.

Deste modo, essas análises dos alunos não se esgotam, são leituras e interpretações carregadas de sentido, subjetividade e expressão, nas quais a cor foi o meio de expressão principal que revela, de maneira pictórica, o que de fato esses alunos tentam mostrar sobre o espaço em que vivem e o que esses saberes diários proporcionam como aprendizagens e crescimento artístico e cultural. A alegria de desenvolver trabalhos que possa estimular as potencialidades artísticas superam as expectativas dos alunos, tornando-os capazes de refletir, criar, mediar, selecionar e recriar novos papéis na cultura e no mundo das artes.

Considerações provisórias

A prática artística, nas aulas de Arte Visuais, ainda proporciona encantamento em adolescentes através da manipulação de materiais pictóricos, na experimentação das cores, articulados com as vivências diárias dos envolvidos. São caminhos que promovem reflexões sobre suas próprias experiências na produção de novas imagens. Contudo, neste processo de conhecimento das potencialidades individuais, o aluno aprofunda saberes a partir de práticas deixadas de lado na infância.

Para este fazer artístico com a cor, ainda com o apoio dos materiais didáticos contidos na Lata Artística, o desfecho das produções dos alunos aconteceu, espontaneamente: prazer de manipular a tinta, a delicadeza e concentração no momento de produção foi surpreendente. Certamente, ao final de tudo, essa experiência pictórica iria se encaminhar para as práticas artísticas em produções que exploravam a imaginação de cada educando.

Neste bailar de cores e materiais, a Lata Artística que, a priori, surgiu apenas como suporte dos materiais necessários para submergir no universo das cores, auxiliar o educando



a explorar os materiais em busca de experimentar texturas, inventar cores e criar efeitos surpreendentes em uma nova linguagem visual. Logo, foi verificado que estimula e desenvolve a capacidade para novas descobertas e agrega suas preferências e gostos nas produções com a cor.

Acredito, pois, na possibilidade de termos preferências por determinadas cores e a partir daí impregná-las de subjetividade, tornando-as visíveis em produções criativas que venham reverberar em imagens que demonstre o cotidiano e suas diferenças na expressão, compreensão e fazer artístico de cada indivíduo, contextualizando sua história de vida permitindo que o educando tenha mais dinamismo e interação de sua realidade.

Por todo modo, suscitou observar a sensibilidade de experiência da cor; composição da imagem resultante, hibridação de cores, o emprego das cores do cotidiano, sem muito importar-se com o possível nível alcançado de habilidades nas produções pictóricas. Por isso, empreguei, qualitativamente, a aplicação dos elementos pictóricos relacionados ao cotidiano dos alunos.

Ao final, as técnicas apreendidas pelos alunos tiveram boa assimilação, o uso dos materiais e as composições de misturas de tintas foram similarmente bem trabalhados. No que tange as produções, a simplicidade dos traçados, a forma de aplicação da cor no processo de composição, estavam bem evidenciados na maioria das pinturas. Ressalto, ainda, a existência de diferenças entre os participantes. Com efeito, cada um possui sua característica especial marcada com impressões bem pessoais.

Ressalto, ainda, que os alunos, quando são estimulados de forma apropriada, adquirem saberes e conhecimentos sobre si, revelando suas competências e reflexões sobre sua própria prática expressada dentro do contexto educacional, vivenciado em sala de aula. Para tanto, as análises não se esgotam somente com as observações aferidas até aqui, sendo de vital necessidade, maior aprofundamento em torno dos momentos de criação coletivas ou individuais de alunos em processo de experiências artísticas com a cor, sejam eles antes, durante e depois da conclusão das aulas e oficinas de artes.

Contudo, existe a necessidade de trazer ações ligadas ao fazer artístico dentro e fora da escola, assim como, criar esforços a fim de desenvolver ferramentas que favoreçam o processo criativo com alunos do Ensino Médio, para dissipar a ideia equivocada de que as aulas de Arte consistam em momentos de lazer, e sim, em um processo de apreensão de conhecimento sobre os saberes adquiridos, voltado a um olhar crítico e reflexivo sobre sua própria realidade.

Referências

ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. **Ensino de Arte**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

BARROS, Lilian Ried Miller. **A cor no processo criativo: um estudo sobre a Bauhaus e as teoria de Goethe**. 4ª ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2011.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro, Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martins – 21 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. – 3. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2014.

KLEE, Paul. **Teoría del arte moderno**. Buenos Aires: Cactus, 2007.

OLIVEIRA, Nelisa Tânia Coe de. **Pensando e atuando com o conceito cor: a perspectiva dos professores de arte do ensino fundamental**. Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Educação. Goiânia, 2016.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 25ª ed. Petrópolis, Vozes, 2010.

_____. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

REY, Sandra. **O meio como ponto zero – Metodologia da Pesquisa em Artes plásticas – Por uma abordagem metodológica da Pesquisa em Artes Visuais**. Org. Blanca Blites e Elida Tessler. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

RICHTER, Ivone. M. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas. SP. Mercado de Letras, 2003.

RICHTER, Sandra R.S. Crianças pintando: experiência lúdica com as cores. In: CUNHA, S.R.V. da; LINO, D.L. (Orgs.). **As artes do universo infantil**. 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, p. 57 – 105, 2014.

TOURINHO, Irene. Educação estética, imagens e discursos: cruzamentos nos caminhos da prática escolar. In: MARTINS, Raimundo; e TOURINHO, Irene (Orgs.). **Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. – Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2009, p. 141 -156.

Minicurrículo

Cristiane Ferreira

Mestra em artes Visuais pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente de Artes e oficina de pintura da Rede Pública do Estado do Amapá/Brasil. E-mail: cris.ferreira.ap@gmail.com.